

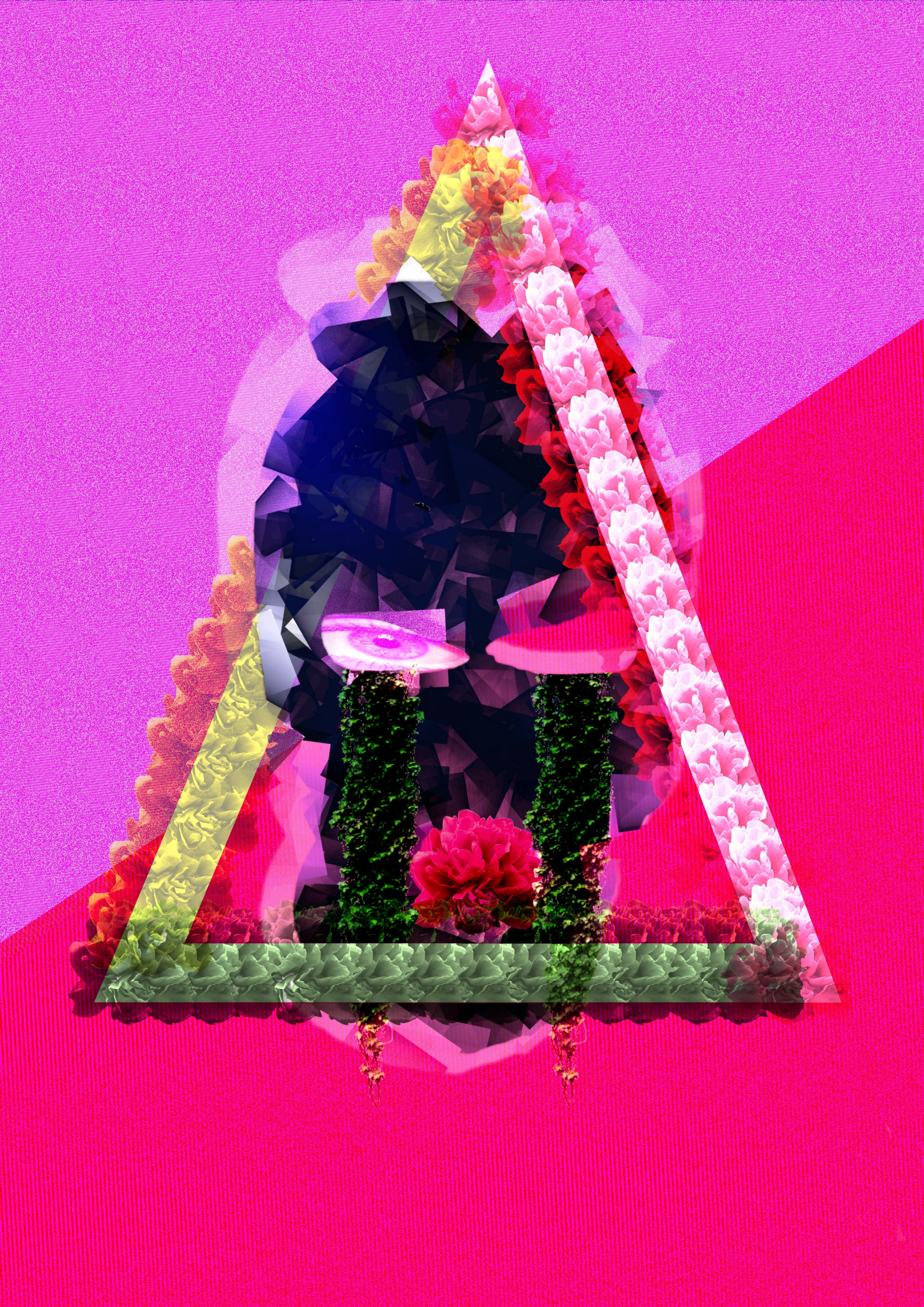
# Artes Feministas

Artivismos



e Sul Global

Cláudia de Oliveira  
Paula Guerra



# Posfácio

**Linda Cerdeira e Tatiana  
Moura**

Centro de Estudos Sociais  
da Universidade de  
Coimbra

Março de 2022



O desafio de imaginar e construir novas formas de (co)existência, vivência e coletividade, pode em si mesmo parecer quimérico num momento em que não só vivemos ainda uma pandemia com escala mundial, como somos também confrontadas/os com (mais) uma guerra que se dá em nome de disputas de poder e dominação. No entanto, diz-nos a história que - apesar das particularidades do tempo e contextos - nada disto é uma novidade. E, se por um lado, sabemos e conhecemos as causas e consequências das dinâmicas capitalistas e coloniais em torno do poder económico e socioespacial, sabemos também que desde sempre existiram formas alternativas de (re)existir e cocriar mundo(s).

No entanto, as construções socioculturais ocidentais conceberam e disseminaram uma ideia de homogeneidade e padronização assente em noções binárias de racionalidade-arte, certo-errado, bem-mal, civilização-selvagem que promoveram a criação de linhas-abissais, visíveis e invisíveis (Santos, 2007) levando a uma ideia de humanidade profundamente antagónica em relação ao que a própria palavra se propõe descrever. Uma ideia de humanidade construída em premissas de seletividade, em que uns decidem quem a ela pode ou não pertencer. Uma ideia de humanidade em que uns lhe pertencem 'por ordem natural' e aos restantes cabe apenas o lugar da alteridade. Como diz Krenak (2019: 9) "Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser?". Não só enfrentamos uma alienação da nossa memória ancestral que sustenta as nossas identidades como tendemos a oprimir, invisibilizar e marginalizar quem ousa ser ou fazer fora da norma. Tal como apontam as autoras deste livro, não é ao acaso povos originários e povos africanos foram intencionalmente colocados num imaginário de desumanização: as suas possibilidades de (re)existência e de construção de humanidade representavam uma afronta direta ao projeto de invasão, expropriação e consumo imaginado pela branquitude. Para que esse projeto fosse bem-sucedido, criaram-se as tais "fronteiras" mencionadas nesta obra, em referência a Notari e Kristeva. Não só essas fronteiras permanecem, como também elas próprias reinventam novas formas de perpetuação das próprias hierarquias socio espaciais promotoras das desigualdades e violências quotidianas, que se servem da diferença não enquanto fator de emancipação do conceito de humanidade, mas enquanto justificação de exclusão e agressão social, cultural, geográfica, política e económica.

Campo de permanente resistência, é com propriedade histórica que o Sul-Global continua a desafiar-nos – e inspirar-nos – nos dias de hoje com outras possibilidades de ser. É perante este cenário que os activismos contemporâneos do Sul – em particular da América Latina - vêm consolidando as suas denúncias e resistências, desafiando todas as distopias. Estes activismos assumem a pluralidade das suas agendas políticas como parte integrante das formas de militância em torno da luta comum que desafia as hierarquias capitalistas e coloniais, valorizando e incorporando as multi-experiências em toda a sua diversidade. Reconhecem as especificidades culturais de cada território – e do seu carácter transformador e mutável – identificando simultaneamente o seu potencial de diálogo entre territórios e movimentos distintos.

Segundo Mourão (2015: 53), embora “à primeira vista arte e ativismo se caracterizem por aspetos distintos – no sentido em que a arte operaria exclusivamente no simbólico e o ativismo, por sua vez, procura ações simbólicas que intervenham ativamente no real” – a junção destes dois universos parece permitir romper barreiras: individual/coletivo; razão/emoção; saber/fazer; viver/assistir; público/privado.

Ao mesmo tempo, por se encontrar no campo da subjetividade – a percepção de quem faz e de quem assiste, ainda que interdependentes, não são controláveis ou necessariamente coincidentes – o ativismo assume-se como uma ferramenta que desafia os próprios sistemas de poder que procuram garantir a manutenção das dinâmicas de exploração e opressão. Faz por isso sentido, que em Estados autoritários e necropolíticos – ainda que oficialmente democráticos – práticas culturais e artísticas tendam a ser altamente reprimidas. Stubs *et al* afirmam que:

tais artistas, com seus posicionamentos estéticos, figuram formas e modos possíveis de relações ético-políticas que podemos estabelecer com os nossos corpos: para além das designações discursivas hétero-euro-andro centradas, podemos também nos relacionar com eles como fontes de resistências ao poder, às desigualdades, valorizando mais as inorgacidades, as aformidades, as sensações, as experiências, do que as representações capitalísticas territorializantes que capturam e encerram nossos corpos em carapuças identitárias. (Stubs *et al.*, 2018: 2).

Artistas e coletivos de artistas feministas, que se reconhecem e se autointitulam enquanto artivistas de forma consciente e intencional, tendem a assumir a criação em tensão como parte natural dos seus processos artísticos e políticos. Em consonância com os debates (intensos e complexos) que os movimentos feministas contemporâneos nos trazem, também estas artistas e coletivos assumem a pluralidade das suas agendas políticas como parte integrante das formas de militância e criação artística em torno das lutas comuns que procuram desafiar as estruturas de poder – patriarcais, racistas, sexistas e classistas. (Costa & Coelho, 2018).

No contexto particular dos feminismos contemporâneos, as práticas artivistas aliadas a uma estética feminista, criam possibilidades de relacionar arte e política, colocando os seus corpos frequentemente oprimidos no centro da ação. O uso do conceito de estética feminista (Bovenshen *et al.*, 2015), ao invés de arte feminista, prende-se com a necessidade de ampliar não só o entendimento destas ações além do próprio campo artístico, como também de evitar constrangimentos ou naturalizações identitárias que podem surgir através do uso dos conceitos de arte de mulheres, ou mulheres artistas, ou arte feminina. (Stubs *et al.*, 2018: 6).

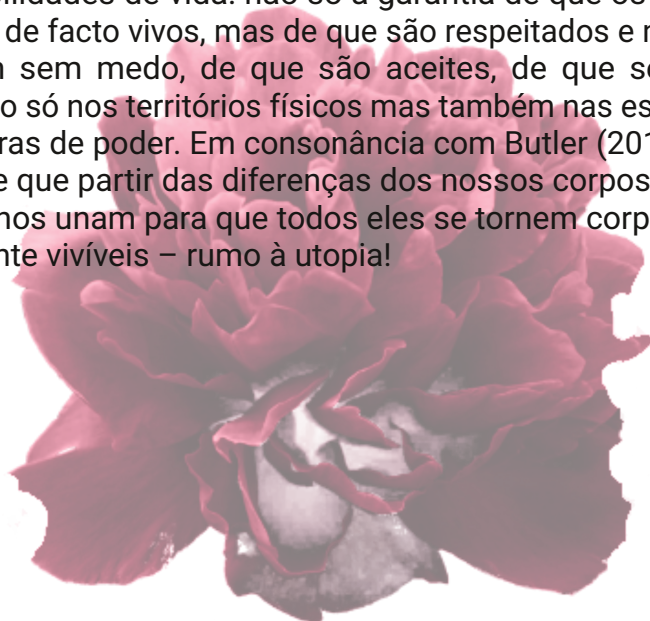
Surgem assim “novos padrões de corporeidade, beleza e cuidados de si, propondo outros modos de constituição da subjetividade, ou o que bem poderíamos chamar de estéticas feministas da existência” (Rago, 1998: 8), e de resistência, já que o objetivo final não é apenas a produção de arte, mas sim a produção de outros modos de vida.

Esta relação entre obras/práticas/performances/ações artistas e o espaço público têm também influenciado profundamente os chamados “novos movimentos sociais” (Freixa et al., 2009: 423) (Raposo, 2013: 60), já que estes coletivos, ainda que não formais ou formalizados, adotam dramaturgias visuais nos seus atos reivindicativos que vão para além do padronizado em manifestações partidárias e sindicais tradicionais, incorporando novos usos para os happenings, flash mob, performances e instalações. Stubs, et al (2018: 4) relembram-nos ainda que:

Os tempos atuais são de descentramento, de desterritorialização das certezas sobre os nossos referentes sociais, culturais, corpos e percepção de corpo como matéria expressiva da arte ou mesmo o seu suporte, assume tanto um posicionamento político de afirmação de si, de sua potência, quanto de sua redefinição na e pela multiplicidade. (Stubs et al., 2018: 8).

É este próprio processo de desterritorialização/reterritorialização que pode permitir o surgimento de “fusões potentes e a insurgência de possibilidades de vida” (Stubs et al., 2018: 8). Como defendem Fernandes, Souza e Silva e Barbosa no Editorial da Revista Periferias n.º1 (Maio 2018), trata-se do reconhecimento do poder inventivo dos grupos marcados pela desigualdade social e estigmatizados pela violência – e ainda mais ampliado, das periferias urbanas – que precisa ser tomado como referência para a construção do *Paradigma da Potência*, a partir do qual o estilo de vida (em vez das condições de vida) é reconhecido pelos termos que lhes são próprios (e não comparado aos padrões hegemônicos presentes na cidade). *O Paradigma da Potência* ilustra o poder inventivo das Periferias: manifesta-se em estratégias inovadoras de existência e soluções criativas na resolução de conflitos, assim como na produção cultural, na acumulação de repertórios estéticos e em modos de trabalho centrados em convivências plurais.

Num mundo contemporâneo permeado por tantas complexidades de existências, análises e incertezas, a busca comum parece ser a de encontrar essas possibilidades de vida: não só a garantia de que os nossos corpos permanecem de facto vivos, mas de que são respeitados e não violados, de que circulam sem medo, de que são aceites, de que se movimentam livremente não só nos territórios físicos mas também nas estruturas sociais e nas estruturas de poder. Em consonância com Butler (2018 [2015]), trata-se da ideia de que partir das diferenças dos nossos corpos, ao invés de os hierarquizar, nos unam para que todos eles se tornem corpos de direitos a vidas realmente vivíveis – rumo à utopia!



## Referências

Bovenschen, S. (1985). Existe uma estética feminista? In N. Broude & M.D. Garrard (Eds.). *Estética feminista* (pp. 21-58). Barcelona: Icara Editora.

Butler, J. (2018 [2015]). *Corpos em aliança e a política nas ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Costa, M.A. & Coelho, N. (2018). Intersecções entre arte, política e feminismo. *Confluências – Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito*, 20 (2), 25-49.

Fernandes, F.; Souza e Silva, J. & Barbosa, J. (2018). O Paradigma da Potência e a Pedagogia da Convivência Editorial. *Revista Periferias*, 1. Disponível <https://revistaperiferias.org/materia/o-paradigma-da-potencia-e-a-pedagogia-da-convivencia/>

Juris, J.; Feixa, C. & Pereira, I. (2009). Global citizenship and the 'new,new' social movements: Iberian connections. *YOUNG*, 17(4), 421-442.

Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Rago, M. (2006). Trabalho feminino e sexualidade. In M. Priore (Org.). *História das Mulheres no Brasil* (pp.578-606). São Paulo: Contexto.

Raposo, P. (2013). *Performance Activism and the New/New social Movements*. Encontro Internacional de Estudos de Performance – Indireções Generativas. Montemor-o-Novo: Convento da Saudação.

Santos, B.S. (2007). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos CEBRAP*, 79, 71-94.

Stubs, R.; Teixeira-Filho, F. & Lessa, P. (2018). Artivismo, estética feminista e produção de subjetividade. *Revista Estudos Feministas*, 26(2), 1-19.